

# Um editor no espaço público: Baptiste-Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira<sup>1</sup>

Lúcia Granja

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)  
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil  
lgranja@uol.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.594>

## Resumo

A partir do final da década de 1850, tornaram-se cada vez mais evidentes as ações de Baptiste-Louis Garnier em torno da consolidação das atividades editoriais no Brasil, incentivando autores, formando coleções e dirigindo-se a um público consumidor com características específicas. Para tanto, o livreiro e editor francês, que se instalara no Brasil desde os anos 1840, promoveu algumas adaptações de suas disposições comerciais aos contextos culturais americano e brasileiro, as quais redescobrimos neste texto, a partir da análise e interpretação de recentes documentos encontrados em bibliotecas e arquivos públicos do Rio de Janeiro e Paris. O estudo da literatura brasileira nutre-se, dessa forma, do movimento e das ações de atores e mediadores, a fim de que venhamos a melhor conhecer as práticas culturais ligadas à circulação dos impressos no Brasil, bem como o meio intelectual brasileiro do século XIX.

**Palavras-chave:** história do livro e da edição; Baptiste-Louis-Garnier; Machado de Assis; história cultural; literatura brasileira.

## An Editor in the Public Space: Baptiste-Louis Garnier and the Consolidation of Brazilian Literature Collections

### Abstract

From the end of the 1850s, Baptiste-Louis Garnier's actions around publishing activities in Brazil became increasingly evident. He encouraged authors, formed collections and addressed himself to a consumer public with specific characteristics. This French publisher and bookseller, who had settled in Brazil since the 1840s, promoted some adjustments to his trade provisions in American and Brazilian cultural contexts, which are rediscovered in this text, based on the analysis and interpretation of recent documents found at public libraries and archives in Rio de Janeiro and Paris. The study of Brazilian Literature is nourished with the movement and actions of actors and mediators, in order to better understand the cultural practices linked to the movement of printing in Brazil and to the Brazilian intellectual *milieu* in the nineteenth century.

---

<sup>1</sup> Este trabalho vem sendo desenvolvido com apoio da FAPESP, dentro do Projeto Temático “A circulação transatlântica do impresso: a globalização da cultura no século XIX”. Como este é um trabalho em progresso, ao longo de quatro anos, alguns dados que apresentamos aqui (um contrato e um catálogo de editor) já apareceram em outros artigos de nossa autoria, mas a análise é sempre nova em relação às anteriores, já que esses dados se abrem para a discussão de variados assuntos.

**Keywords:** book and publishing history; Baptiste-Louis-Garnier; Machado de Assis; cultural history; brazilian literature.

Para pensar a literatura brasileira pela perspectiva das formulações em torno de sua própria existência, retomamos aqui as atividades do livreiro-editor Baptiste-Louis Garnier, que consolidaram as atividades editoriais no Brasil, incentivando autores, formando coleções e dirigindo-se a um público leitor e consumidor de livros.

Como se sabe, Baptiste-Louis Garnier dominou o comércio de livros no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Ao longo de sua trajetória de quase cinquenta anos no Brasil (1844-1893), foi condecorado por D. Pedro II com a comenda da Ordem da Rosa, graças aos serviços prestados às letras brasileiras, uma vez que, além de fornecedor de livros franceses e estrangeiros em geral, e de variada gama, foi o grande editor dos escritores brasileiros do século XIX. Ao longo das quatro últimas décadas do século XIX, vários escritores e intelectuais escolheram a Livraria Garnier como ponto de encontro para suas conversas literárias, entre eles o grupo composto por Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, José Veríssimo, Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Constâncio Alves, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Araripe Junior, Rodrigo Otávio, Mário de Alencar, Clovis Bevilacqua, entre outros (HALLEWELL, 2005, p. 199).

Sem poder discorrer neste espaço sobre todas essas interações entre escritores, intelectuais, editor, aspirantes a escritor, entre outros, concentrar-nos-emos em um período, aquele no qual os ventos parecem ter soprado forte em direção à concretização dos planos de Garnier como editor, ou seja, a partir de meados dos anos 1850, como demonstraremos, sempre lembrando que, já desde os anos 1840, ele vinha atuando como livreiro. Assim sendo, cruzando os olhares da História Literária e da História Cultural, essa última informada pela sociologia de Pierre Bourdieu (1992), objetivamos discutir a importância das relações materiais entre editor, escritores e mecenas, em seus acordos e divergências, considerando a formação de um público-leitor de literatura e, em nosso caso brasileiro, especialmente, a construção identitária da qual resultou uma literatura nacional. Considerando-se, ainda, as definições de Pierre Bourdieu, em sua análise da relação da arte e da sociedade, estaremos também diante de um pequeno problema teórico-metodológico.

Para isso, primeiramente, uma palavra sobre os leitores no século XIX, grupo que se foi constituindo, no Brasil ou na experiência europeia, em torno da grande expansão dos impressos, principalmente dos jornais, mas também da volumosa circulação dos livros. Comparativamente, temos que, na França, as transformações na política de produção e de venda dos jornais, a partir de 1836, assim como as modificações no sistema e técnicas de impressão depois dos anos 1830 (MOLLIER, 2001), fez com que os jornais e os livros ali pudessem ser pensados como índices de modernidade, como objetos culturais que passaram por transformações e evoluções similares e sincrônicas (KALIFA, 2001, p. 6). Paralelamente, houve um aprimoramento da legislação e das técnicas de publicação, mais uma política de alfabetização em massa a partir de reformas do sistema escolar, a primeira delas datada de 1833. Como consequência, pouco depois da metade do século, em 1866, havia menos de um terço de analfabetos na França, número que avançou para 21,5% em 1872 (KALIFA, 2001, p. 24). O mundo do impresso abria-se então a novas categorias de leitores: no início do

século XIX, tinha sido a pequena burguesia; com o avançar do XIX, foi a vez das camadas de empregados assalariados, pequenos funcionários, artesãos etc. (LYONS, 1987).

Já no Brasil, não podemos ainda definir com precisão essas categorias de leitores, mas vemos que a expansão do impresso acompanhou o esquema francês<sup>2</sup>, mas o que ainda nos parece paradoxal é que, em relação ao cenário europeu, no Brasil do século XIX, mesmo que tenha havido uma importante vida cultural, além de comércio e circulação de impressos no Rio de Janeiro, os índices de analfabetismo oficiais eram bastante elevados. Segundo nos informa uma crônica de Machado de Assis de 5 de agosto de 1876, dado esmiuçado depois no trabalho de Hélio Guimarães (2004, p. 103) menos de 20% da população sabia ler. Essa altíssima taxa fez de nós, na conhecida expressão de Sérgio Buarque de Holanda (1984, p. 3), “desterrados em nossa própria terra”, pois trazíamos, segundo ele, de países distantes, a nossa forma de vida, instituições e visões de mundo, as quais, em uma sociedade escravista, faziam com que a ideologia liberal descarrilasse (SCHWARZ, 1977, p. 15).

Nesse contexto, se os dados gerais e oficiais fazem com que não possamos debater as ideias dos dois grandes intérpretes do Brasil acima citados, as pesquisas recentes, que partem de fontes primárias e investigam sujeitos na diversidade de seus interesses e papéis sociais, podem acrescentar informações e leituras a esse panorama, em nosso caso, por meio da discussão a respeito do alinhamento entre os objetos culturais brasileiros e europeus, notadamente aqueles pertencentes ao mundo do impresso, bem como as ações de mediadores culturais, a fim de que compreendamos melhor os efeitos de sua intensa presença no Brasil e para a literatura brasileira, em específico.

A leitura dos processos dentro dos quais se foram moldando as estratégias para a produção, circulação e recepção dos textos no Brasil evidenciam que o nosso patrimônio literário constituiu-se a partir de uma curiosa associação entre sujeitos e interesses, que, na compreensão de Pierre Bourdieu (1992), ocupariam posições no mínimo divergentes, mesmo opostas, dentro dos campos literário, editorial, do poder etc. Assim sendo, a estruturação de um público-leitor e consumidor de literatura brasileira, no século XIX, contou com uma espécie de grande esforço conjunto dos atores ligados ao mercado (editor), dos artistas (escritores) e do próprio mecenas (o imperador), o que salta aos olhos quando analisamos as ações da livraria e editora de Garnier no Brasil. Ao longo de sua história, foram despontando alguns homens que, proximamente a Garnier ou aos impressos no Brasil, tornaram-se

---

<sup>2</sup> Um exemplo vem de um dos principais jornais da aurora da imprensa brasileira, o qual sobrevive ainda em nossos dias, foi o *Jornal do Commercio*, criado em janeiro em 1827 pelo ex-livreiro Pierre Plancher, um francês bonapartista exilado no Brasil. O *Jornal* tornou-se um periódico de grande importância, além de uma espécie de voz oficial durante todo o Império (1822-1889). Ele estava tão alinhado aos acontecimentos da imprensa francesa que traduziu e publicou, a partir de 31 de outubro de 1838, *Le Capitaine Paul*, de Alexandre Dumas, ou seja, apenas alguns meses depois da publicação do folhetim no jornal francês *Le Siècle*. Tecnicamente, aliás, o alinhamento era impressionante. Antes de 1830, ou da volta da família Plancher à França, ele já usara a litografia, tendo como ilustrador e litógrafo o também bonapartista emigrado ao Brasil Hercule Florence, que, mais tarde, integrou a Expedição Langsdorff (DAECTO, 2009, p. 422). Assim, o *Jornal do Commercio* abrigou, por exemplo, alguns dos grandes títulos de folhetins franceses da época, os *Mystères de Paris*, nos primeiros anos da década de 1840. Em relação aos livros, a circulação também foi cada vez maior e mais importante, como vêm mostrando os trabalhos dos Projetos Temáticos “Os caminhos dos livros” e “A circulação transatlântica do impresso: a globalização da cultura no século XIX”.

mediadores importantes para a história do livro, da literatura e das relações culturais entre a França e o Brasil. É o caso de Camille Cléau, com quem Baptiste-Louis Garnier travou relações desde a sua chegada ao Brasil. O livreiro Garnier, sexto dos nove filhos de Jean-Baptiste Garnier e Magdeleine Cecille Le Chevallier (GRANJA, 2013a, p. 41-49) ainda muito moço, foi trabalhar em Paris com os irmãos, no comércio de livros (MOLLIER, 1988, p. 237), mas transferiu-se para o Brasil quando atingiu os seus 21 anos. Chegou ao Rio de Janeiro a bordo do vapor Le Stanislas (GALVÃO, 1903, p. 6-7), em companhia de vários outros franceses, entre eles Cléau, que era neto bastardo de Carlos X, rei da França e Navarra e abraçou no Brasil, em 1849, a vida religiosa, tornando-se o Frei Camillo de Montserrat, diretor da Biblioteca Nacional entre 1853 e 1870, ano de seu falecimento (SACRAMENTO-BLAKE, 1893, v. 2, p. 19). A posição estratégica na vida dos livros e impressos no Brasil deu ao frei beneditino papel fundamental no que se refere à mediação das relações culturais entre Europa e América, mas a sua consanguinidade coloca em cena agora os laços entre as famílias reais brasileira, portuguesa e da Europa continental, os quais parecem ter contribuído solidamente com a ponte de impressos que ligava o Brasil (e as Américas) à França e a Portugal.

Ao longo dos anos, as relações entre Cléau e Garnier desdobraram-se e avolumaram-se. Garnier tornou-se o principal fornecedor da Biblioteca Nacional, de modo que, em dezembro de 1894, ou seja, quatorze meses após o falecimento de Baptiste-Louis Garnier, uma carta impressa e assinada por Hippolyte Garnier e I. Lassale (gerente da casa Garnier no Brasil) declara que Hippolyte – o irmão Garnier, que herdara a livraria carioca e praticamente todos os bens de Baptiste-Louis Garnier –, assim como o subscrito gerente da livraria, gostariam de “merecer a honra” de continuar a manter as mesmas relações comerciais que Baptiste-Louis estabelecera e cultivara com a Biblioteca Nacional<sup>3</sup>.

Se um dos franceses desembarcados em 1844, no Rio de Janeiro, tornar-se-ia diretor perpétuo da Biblioteca Nacional, o outro chegaria a posições não menos prestigiosas, em muitos aspectos, auxiliado por essa parceria. Ao longo de sua trajetória (BOURDIEU, 1996, p. 71)<sup>4</sup> de mais de cinquenta anos no Brasil, Baptiste-Louis Garnier tornou-se o grande editor dos escritores brasileiros do século XIX; foi livreiro oficial do imperador e do Instituto

---

<sup>3</sup> A carta em questão está depositada na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, código 48, 1, 001 no. 76, documento de dezembro de 1894. As boas relações comerciais entre Baptiste-Louis Garnier e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – da qual a casa Garnier se tornara, por fim, a grande fornecedora e importadora de livros – são demonstradas também por outros documentos: um deles vem da Secretaria da Justiça e Negócios Interiores/Correspondência com o diretor da Biblioteca Nacional, referente ao envio de Anais, obras da seção de permutas internacionais e **remessas de contas de B. L. Garnier**” (Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, código 48, 1, 001 no. 76, documento de 20 de janeiro de 1893, grifo nosso); existe, ainda, uma lista de encomendas de obras à livraria Garnier (documento encontrado na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, entre o conjunto que está numerado sob o código 66, 4, 001, no. 006, documento de 24 de setembro de 1892).

<sup>4</sup> Usamos aqui o conceito de “trajetória”, por meio do qual Pierre Bourdieu definiu as posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor no campo literário. Adaptamos a ideia inicial para o caminho percorrido pelo editor-livreiro Baptiste-Louis Garnier dentro do campo editorial brasileiro, à medida que ele se inscreve como livreiro e representante dos irmãos editores parisienses nesse campo editorial e, a partir daí, galga posições como comerciante e figura notória da sociedade brasileira, uma e outra coisa contribuindo para a sua consolidação pessoal e profissional.

Histórico e Geográfico Brasileiro; recebeu, como já disse antes, mas não antes de ter trabalhado bastante pela obtenção desse título, a ordem honorífica mais importante do Brasil (foi condecorado por D. Pedro II com a comenda da Ordem da Rosa), como nos contou Hallewell (2005, p. 177) e, ao mesmo tempo, pleiteou ainda uma condecoração portuguesa<sup>5</sup>, o que mostra, por um lado, como as ações de Garnier, jamais perderam de vista os vínculos com um dos polos do campo do poder (BOURDIEU, 1992).

O quadro descrito insere-nos na discussão e descrição da gênese do campo literário no Brasil, em meados do século XIX, quando, como indicamos, os ventos parecem ter soprado mais fortes em favor dos planos que o livreiro Baptiste-Louis Garnier nutria para a edição, à medida que: já em 1853, aquele Frei Camille Montserrat era diretor da Biblioteca Nacional; as ações e cuidados de Garnier com o negócio da edição foram, na mesma época, cada vez mais presentes e importantes; Francisco de Paula Brito, que se ocupava da edição dos textos brasileiros até então, falira em 1857 e viria a falecer dali a mais quatro anos (RAMOS; DAECTO; MARTINS FILHO, 2010, p. 23); os catálogos passaram a trazer cada vez mais títulos em português até aparecerem, no início dos anos 1860, totalmente em português (DUTRA, 2010, p. 67-68); finalmente, um contrato assinado até há pouco desconhecido (GRANJA, 2013b, p. 85-86), assinado entre Garnier e Jules Henri Gueffier, em 10 de fevereiro de 1864, esclarece que esse último fora recrutado por Garnier para prestar, em Paris, serviços de impressor, representá-lo junto às livrarias e, quando necessário, atuar como tradutor, muito provavelmente, nesse último caso, para traduzir em português as obras escritas em francês, já que Gueffier morara no Brasil e conhecia bem a língua<sup>6</sup>.

Outros dados nos mostraram que, a partir do início dos anos 1860, escritores e intelectuais brasileiros começaram a se reunir em torno de Baptiste-Louis Garnier, fazendo com que se configurasse, entre editor e escritores, uma relação de interdependência, na qual se cruzavam, naquele momento brasileiro, os interesses muitas vezes divergentes dos campos editorial e literário. No caso das relações entre o livreiro-editor francês radicado no Brasil e o então jovem Machado de Assis, veremos, a seguir, como ambos, se alinharam (e aliaram) em seus objetivos e ações: o livreiro-editor precisava, necessariamente, de um bom escritor, e o escritor em formação, precisava, necessariamente, de formas de veiculação para sua literatura.

---

<sup>5</sup> Documentos encontrados no CADN-Nantes dos Arquivos do Ministère des Affaires Étrangères (França) mostram a insistência com a qual Baptiste-Louis, no final de sua trajetória como livreiro no Brasil, dirigiu-se ao ministro plenipotenciário da França no Rio de Janeiro, pedindo a sua intervenção para a regularização do porte, ou mesmo atribuição de título honorífico a Garnier. No primeiro caso, está uma carta cuja assinatura nos é ilegível, de 24 de maio de 1889, na qual se pede ao conde de Gobineau, Ministro da França no Rio de Janeiro, que interceda junto ao Imperador, por meio de sua Representação, para que Garnier pudesse portar a cruz de Cavaleiro da Ordem da Rosa do Brasil, uma vez que o livreiro recebera o brevê da ordem e nunca enviara esse documento às instâncias necessárias. Segundo Hallewell, a Ordem da Rosa fora atribuída ao livreiro em 1867, no grau de Oficial Imperial da Rosa (HALLEWELL, op. cit. p. 197). No entanto, a carta em questão fala do grau de “Cavaleiro da Ordem”; no segundo caso acima apontado, está uma carta em que Garnier solicitava a intervenção do Ministro para que a Ordem Honorífica portuguesa lhe fosse concedida (Ministère des Affaires Étrangères, CADN-Nantes, Pasta “Rio de Janeiro”).

<sup>6</sup> Os Gueffier estavam, no Brasil, ligados ao negócio da tipografia e associados à Laemmert; eram impressores, por exemplo, de alguns periódicos da imprensa em francês escrita no Rio de Janeiro.

De todo esse processo, representa um indício a grande circulação de um dos catálogos da livraria e editora de Garnier: o de número 23, a partir de 1863, o primeiro totalmente em português. Essa brochura organiza-se, diferentemente daquelas que ofereciam as obras nos anos 1850, inteiramente em português, em sete seções, da seguinte maneira: “Livros de Educação, Clássicos de Instrução, etc.”; “Medicina, Homeopatia, Magnetismo”; “Poesias, Literatura”; “Romances, Novelas, etc.”; “Peças de Teatro”; “Obras Diversas”. Analisando-as, vemos que os livros de cunho didático e de poesia correspondem à maior parte dos títulos que o próprio Garnier publicava. Para pensar a gênese do campo literário, focamos na seção de “Poesia e Literatura”, a coleção literária mais desenvolvida nesse catálogo (e a única a ser associada à palavra “literatura”). A enumeração a seguir, na qual mantivemos a ortografia e apresentação do catálogo, dá-nos uma ideia geral das obras que Garnier apenas vendia e daquelas em que trabalhara como editor (os títulos que aparecem, além de itálico, em negrito): 1) *Assumpção (A)*, poema composto [...] por Fr. Francisco de S. Carlos, nova edição precedida da biographia do autor e d’un juízo crítico sobre a obra pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. [...]; 2) *Cinzas d’un livro*, fragmentos d’un livro inedito, por Bruno Seabra; 3) *Dores e flores*, poesias de Augusto Emilio Zaluar; 4) *Flores e fructos*, poesias de Bruno Seabra; 5) *Flores entre espinhos*, contos poeticos por J. Norberto de S. S.; 6) *Flores sylvestres*, poesias, por F. L. Bittencourt Sampaio [...]; 7) *Folhas Caídas*, apanhadas na lama, por um antigo juiz de almas de Campanha, e sócio atual da assembleia portuense com exercício no Palheiro; 8) *Gonzaga*, poema por \*\*\*, com uma introdução pro J. M. Pereira da Silva; 9) *Harmonias Brasileiras*, cantos nacionaes, colligidos e publicados por Antonio Joaquim de Macedo Soares; 10) *O Livro de meus amores*, poesias eróticas de J. Norberto de Souza Silva [...]; 11) Magalhães (Dr. J. G. de). **Factos do espirito humano, philosophia** [...]; 12) Magalhães (Dr. J. G. de). *Suspiros poeticos e saudades* [...]; 13) *Marilia de Dirceu*, por Thomaz Antonio Gonzaga, nova edição dada pelo Sr. J. Norberto de Souza Silva, com estampas [...]; 14) *Meando Poético*; 15) Novaes (Faustino Xavier de) *Poesias*, segunda edição; 16) Novaes (Faustino...) *Novas Poesias* acompanhadas de um juízo crítico de Camilo Castelo Branco [...]; 17) **Obras** do Bacharel M. A. Alvares de Azevedo, precedidas de um discurso biographico, e acompanhadas de notas, pelo Dr. D. Jacy Monteiro, terceira edição correta e augmentada com as obras ineditas, e um appendice contendo discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor [...]; 18) **Obras poeticas** de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno), colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor, e acompanhada de documentos historicos, por J. Norberto de Souza Silva; 19) *O Outono*; 20) *Peregrinações à província de São Paulo*, de Augusto Emilio Zaluar; 21) *Poesias Selectas* dos autores mais illustrados antigos e modernos [...]; 22) **Revelações**. Poesias de Augusto Emilio Zaluar [...]; 23) *Romanceiro (O)*, por A. Garrett; 24) *Poesias ternas e amorosas*; 25) *Sombras e sonhos*, poesias de José Alexandre Teixeira de Mello; 26) *Urania*, cânticos; 27) *Urania*, collecção de cem poesias ineditas, por Dr. J. G. de Magalhães.

Na lista acima, entre os vinte e sete livros da seção “Poesia e literatura” que Garnier anunciava nesse catálogo, nove, ou exatos 30% deles, correspondem aos títulos de Literatura Luso-Brasileira que ele mesmo publicara, tendo-os composto nas oficinas francesas. Considerando que a sua atividade como “editor da Literatura Brasileira” estava no início,

avaliamos melhor a energia empregada nesse projeto e a relevância dessa atividade editorial para a configuração da vida literária brasileira, considerando a circulação (nacional e internacional) dos textos, a profissionalização dos escritores (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 63) e mesmo as escolhas e reavaliações estéticas dos nossos homens de letras.

Nesse sentido, encontramos, à mesma época, vários escritores e homens de Letras, às voltas com esse mesmo projeto editorial. Machado de Assis, por exemplo, que atuaria como contista no *Jornal das Famílias*, periódico publicado por Garnier, entre 1864 e 1878, colaborava, como cronista e crítico literário, para o *Diário do Rio de Janeiro*. Revisitando esses textos, observamos que o projeto literário-editorial é adotado pelo jovem escritor em todas as suas nuances. Como cronista, Machado diz-nos em 17 de outubro de 1864:

Os *Cantos fúnebres* encontrarão da parte do público brasileiro o acolhimento a que têm direito. Tanto mais devem procurar o novo livro quanto que este volume é o sexto da coleção das obras completas do poeta, que o Sr. Garnier vai editar.

O volume que tenho à vista é nitidamente impresso. A impressão é feita em Viena, aos olhos do autor, garantia para que nenhum erro possa escapar; sendo esta a edição definitiva das obras do poeta é essencial que ela venha limpa de erros.

Um bom livro, uma bela edição, — que mais pode desejar o leitor exigente?

(Machado de Assis, Ao Acaso, *Diário do Rio de Janeiro*, 17 de outubro de 1864, p. 1, rodapé).

Ao mencionar o novo volume de Gonçalves de Magalhães, o cronista Machado de Assis ressalta para os seus leitores, primeiramente, a qualidade da edição: impressão nítida, feita na Europa. Por outro lado, o “público brasileiro”, conforme aconselha, deveria “acolher como era de direito essa obra”, o que nos colocaria diante do sistema literário completo<sup>7</sup>, autor, obra, público. As palavras do escritor-jornalista nos mostram que existia um público de literatura e um público-leitor definido para a obra de Magalhães; na literatura brasileira, havia autores significativos, cuja obra deveria ser *coleccionada*, uma vez que o livro em questão corresponde ao sexto volume das “obras completas do poeta”, que Garnier trazia à luz, em edição definitiva. Ao que parece, então, o editor e o crítico-cronista se complementam nas ações que configurariam mais tarde o campo literário brasileiro e na divulgação de uma política editorial para a Literatura Brasileira, assim como nas condições de colocar em prática essa política.

Um desdobramento desse mesmo exemplo está ligado às outras facetas de Machado de Assis como literato durante os anos 1860. A atividade de Machado como crítico literário, compreendida conjuntamente com uma parte de sua própria produção literária, parece ter contribuído para o mesmo fenômeno de gênese em complementariedade do patrimônio da literatura brasileira e do campo editorial. Como se sabe, Machado de Assis publicou, em 1864, pela Garnier, o seu livro de poemas intitulado *Crisálidas*. Em livro, ele voltaria a publicar, pela mesma editora, os *Contos fluminenses*, em 1870. Curioso é que esse esforço primeiro de publicação de um livro de poemas tenha se dado em meio a um franco

---

<sup>7</sup> O conceito, como se sabe, seria definido para a Literatura Brasileira, por Antonio Candido, muitos anos mais tarde (1959). Conferir a *Formação da Literatura Brasileira*. 6.ed. Itatiaia: Belo Horizonte: 1986, v. 1, p. 7. No entanto, ele coincide com os argumentos machadianos de 1864.

investimento na formação de uma coleção de poesia no catálogo da livraria e editora de Baptiste-Louis Garnier, assim como a publicação dos primeiros livros de Machado nos anos 1860 e 1870 *chez* Garnier aponta para a importante participação e apoio que o escritor deu à consolidação da linha editorial que Garnier abria para a Literatura Brasileira, a qual nos salta aos olhos quando lemos aquele catálogo 23, da forma como o apresentamos. Considerando-se, então, o investimento em uma coleção de poesia e a própria atividade literária do jovem escritor, compreendemos melhor porque a crônica de Machado de Assis, em 1864, observou, reforçando essa linha editorial, que a poesia brasileira já tinha qualidade e volume para ser *coleccionada*, merecendo a publicação em “obras completas”, posto que já existisse um “público” brasileiro. Mas, para além disso, o trabalho de Machado de Assis continuava na crítica literária. No mesmo jornal em que publicara as crônicas de exaltação ao trabalho de Garnier, o *Diário do Rio de Janeiro*, periódico no qual vinha sendo personagem tão atuante desde 1860 (GRANJA, 2000), Machado de Assis escreveu, em 30 de junho de 1862, uma resenha crítica sobre *Flores e frutos*, de Bruno Seabra, um dos livros de poemas que consta da lista acima, encontrando no poeta “certos toques garretianos”, além da “vantagem” com que respondia aos “ecos do coração e do espírito”. A conclusão final dessa resenha crítica é a de que “o livro do Sr. B. Seabra revela um talento que não se deve perder e que o poeta deve às musas pátrias” (Machado de Assis, *Flores e Frutos*, *Diário do Rio de Janeiro*, 30 de junho de 1862, p. 1, cols. 1 e 2.), o que nos faz observar, pela terceira vez, que as ações literárias de Machado de Assis afirmavam e divulgavam, ainda uma vez, parte das estratégias de Baptiste-Louis Garnier para a profissionalização da edição no Brasil. Estamos diante daquele processo singular de configuração dos campos, que escreveram, juntos e entre si, Machado, Garnier e outros homens de letras do período.

Mais que isso, a partir daí, a seção de “Poesia e Literatura” da Editora de B. L. Garnier cresceu até se tornar bastante volumosa dentro daquele *Catálogo dos Livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se acham à venda na mesma livraria*, 69, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro (o número 1, de 1876). Em meados dos anos 1870, a série abrigava 82 entradas no mencionado catálogo, incluindo maiormente a poesia, mas também o conto, um estudo histórico, um curso de literatura francesa, o próprio *Jornal das Famílias*, uma história da Literatura Portuguesa, excertos de autores portugueses, crítica literária, até mesmo uma história política, entre outros. Interessa, no entanto, dentro da seção geral de “Poesia e Literatura”, a “BRASÍLIA, Biblioteca Nacional dos melhores autores antigos e modernos, publicada sob os auspícios de S. M. O Sr. D. Pedro II”:

44  
LIVRARIA B. L. GARNIER

**BODAGE (M. M. du).** — Excerptos, seguidos d'uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, appreciaciones de bellezas, defectos e estudos de linguas, por JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO e NOBREVIA. 2 v. in-8º enc. .... 35000  
Rica encadernação..... 125000  
A mesma obra e linguas in-4º v. enc. .... 125000  
Rica encadernação..... 215000

**BRASILIA, Bibliotheca nacional dos melhores autores antigos e modernos,** publicada sob os auspícios de S. M. o Sr. D. Pedro II. Já fazem parte d'esta interessante e monumental collecção as obras seguintes:

**Manoel Ignacio da Silva Alvarenga** (Obras completas de). 2 v. in-8º enc. .... 65000  
Rica encadernação..... 85000

**Ignacio José de Alvarenga Peixoto** (Obras completas de). 1 v. in-8º enc. .... 35000  
Rica encadernação..... 45000

**Alvares Azevedo** (Obras completas de J. M.). 3 v. in-8º enc. .... 95000  
Rica encadernação..... 115000  
Ficam ainda alguns exemplares in-4º enc. .... 145000  
Rica encadernação..... 215000

**A Assumpção,** Poema de Frei FRANCISCO DE S. CARLOS. 1 v. in-8º enc. .... 35000  
Rica encadernação..... 45000

**Gonçalves Dias** (Poesias de). 2 v. in-8º enc. .... 85000  
Rica encadernação 105000, e..... 125000

**Casimiro de Abreu** (Obras completas de J. M.). 1 v. in-8º enc. .... 35000  
Rica encadernação..... 45000

**Junqueira Freire** (Obras completas de L. J.). 2 v. in-8º enc. .... 65000  
Rica encadernação..... 105000

**Gonzaga,** Poema por \*\*\*. 1 v. in-8º. .... 35000  
Rica encadernação..... 45000

**Marília de Dirceu,** por THOMAZ ANTONIO GONZAGA. 2 v. in-8º enc. .... 65000  
Rica encadernação..... 85000

As obras de cada um desses autores são coligidas, anotadas, precedidas de sua biographia acompanhada pela maior parte de documentos historicos. Nenhum amador das coisas brasileiras ou cidadão instruido pode deixar de possuir tão interessante collecção, pela grande copia de noticias que encerra sobre a historia litteraria do país, sendo a sua aquisição facilissima, pois cada autor se vende separadamente, podendo-se pelo decurso do tempo, possuir toda essa livreria nacional, verdadeiro monumento levantado às letras patrias.

A collecção completa será seguida da historia da litteratura brasileira, pelo Dr. J. Norberto de S. S., a qual verá brevemente a luz.

**CAHÔES. Estudo historico, poetico, liberrimamente fundado sobre um drama francez, por A. FELICIANO DE CASTILHO.** 1 vol. br. 75000  
Enc. .... 35000

**Figura 1. Catálogo dos Livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se acham à venda na mesma livreria (p. 44).**

A intervenção do Imperador na publicação de uma coleção de Literatura Luso-Brasileira – embora a Família Real Portuguesa/Brasileira viesse apoiando a vida artístico-cultural da ex-colônia desde, praticamente, o seu estabelecimento no Rio de Janeiro, a partir de 1808 – reforça os vínculos entre as ações comerciais de Baptiste-Louis Garnier e o investimento do Império na formação cultural brasileira, caminhos desenhados por mediadores como Cléau e Garnier, entre outros. Ainda nesse catálogo dos anos 1870, lemos que essa “monumental coleção” abrigava nove títulos de poesia brasileira, dentre os nossos mais canônicos autores, muitos deles já constantes daquela primeira seleção de livros de poemas do catálogo 23. Os nove escolhidos para a “BRASILIA” materializavam-se nas *Obras completas* de Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire; no poema *Assumpção* do Frei Francisco de São Carlos; nas *Poesias* de Gonçalves Dias; no poema *Gonzaga*<sup>8</sup>; e, por fim, na *Marília de Dirceu* de Thomaz Antonio Gonzaga. Por fim, o comentário que o catálogo nos apresenta sobre a “BRASILIA Bibliotheca Nacional dos melhores autores antigos e modernos” reforça o que propusemos anteriormente:

As obras de cada um desses autores são coligidas, anotadas, precedidas de uma biografia acompanhada pela maior parte de documentos históricos. Nenhum amador das coisas brasileiras ou cidadão instruído pode deixar de possuir tão interessante coleção, pela grande cópia de notícias que encerra sobre a história literária do país, sendo a sua aquisição fácilíssima, pois cada autor se vende separadamente, podendo-se pelo decurso do tempo, possuir toda essa livreria nacional, verdadeiro monumento levantado às letras pátrias.

<sup>8</sup> O poema, que hoje em dia sabemos ter sido composto por João Manuel Pereira da Silva, aparece sem identificação de autoria no catálogo: “por \*\*\*”.

A coleção completa será seguida da história da literatura brasileira, pelo Dr. J. Norberto de S. S., a qual verá brevemente a luz. (*Catálogo dos Livros* de que é editor B. L. Garnier e de outros que se acham à venda na mesma livraria, p. 44)

Além das informações comerciais (a aquisição fácilíssima dos volumes, separadamente), vemos que, nessa coleção, as obras vinham sendo preparadas para compor a história literária do país, tanto é que a “livraria nacional”, seria encerrada pela *História da Literatura Brasileira* de Joaquim Norberto de Souza e Silva. No mesmo texto, outros critérios de anúncio, e portanto de formação dessa coleção, são semelhantes àqueles que Machado de Assis, jovem cronista, enunciara para a publicação das obras completas de Gonçalves de Magalhães: o cidadão instruído deveria necessariamente acolher essas obras, as quais reúnem os textos coligidos dos autores, muitas vezes em obras completas, sendo os volumes informados por documentos e paratextos. Estamos, portanto, diante de um programa editorial em processo de amadurecimento, o qual fora enunciado anos antes, como vimos, por um jovem escritor brasileiro que, se não está na coleção de “melhores autores antigos e modernos”, ajudou a construir, junto com seu editor<sup>9</sup>, o cânone da Literatura Brasileira. Junte-se a isso o apoio e subvenção do próprio imperador a essas mesmas coleções e teremos uma interessante conexão de ações entre aqueles que, em princípio, agiam, na Europa, com relativa independência na constituição do campo: mercado (editor), escritor (artista) e imperador (mecenas).

À guisa de conclusão, a reconstrução da história da livraria e edições de Garnier levou-nos a perceber que existem importantes questões teórico-metodológicas a serem desdobradas para a análise da relação entre Literatura e Sociedade no Brasil do século XIX. Existe um paradoxal alinhamento da circulação dos bens e do gosto cultural em relação aos países europeus, que fica claro quando se considera a juventude política das sociedades americanas e as especificidades do processo de formação nacional. A história da livraria Garnier e de seus impressos contribui para essa discussão. Embora percebamos que a sociedade brasileira não possuía todas as condições econômicas, de mercado, e nem as mesmas condições de jogo de forças em relação à sociedade europeia, as ações comerciais e culturais do livreiro-editor mostram que existiam, nessa sociedade brasileira, as condições para a gênese dos campos (intelectual e literário, por exemplo), assim como evidenciam que o campo literário consolidou-se sem exatamente as mesmas polarizações que na França, embora os elementos da polarização existissem por aqui. Vemos, então, que uma tensão ampla emerge desse processo: à medida que se emprestam modelos, naquela nação em busca de sua identidade, sobrepuseram-se períodos e processos, empilhando-se o tempo no preenchimento de espaços, movimento do qual uma História Literária renovada deverá ainda dar conta.

---

<sup>9</sup> A essa altura, Machado de Assis já havia publicado *chez* Garnier: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Contos Fluminenses* (1870), *Ressurreição* (1872), *Histórias da meia-noite* (1873), *Americanas* (1875) e *Helena* (1876). Nem todas as obras vêm anunciadas no catálogo, mas, como se disse, sabemos que ele é pelo menos de 1876 por anunciar *Helena*.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *Les règles de l'art*. Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 1992. 572 p.
- \_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Correa. São Paulo: Papyrus, 1996. 231 p.
- CLÉAU, C. *Dicionário bibliográfico Brasileiro de Sacramento-Blake*, 7 vols. 1893. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. v. 2, p. 19.
- CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*. 6. ed. Itatiaia: Belo Horizonte, 1986. 436 p.
- DEAECTO, M. M. B. L. Garnier e A. L. Garraux: destinos individuais e movimentos de conjunto nas relações editoriais entre França e Brasil no século XIX. In: LUCA, T. R.; VIDAL, L. (orgs.) *Franceses no Brasil (Séculos XIX-XX)*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 421-438.
- DUTRA, E. F. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: ABREU, M.; BRAGANÇA, A. (orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010. p. 67-87.
- GALVÃO, B. F. R. A livraria Garnier. In: *Almanaque Garnier*, ano I, p. 6-7, 1903.
- GRANJA, L. Entre homens e livros: contribuições para a história da livraria Garnier no Brasil. *Livro*, revista do NELE (Núcleo de Estudos do Livro e da Edição). São Paulo, v.1, n. 3, p. 41-49, 2013a.
- \_\_\_\_\_. Rio Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 81-95, jul./dez. 2013b.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais*. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2000. 167 p.
- GUIMARÃES, H. S. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial, Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 510 p.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2005. 693 p.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 18. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984. 176 p.
- KALIFA, D. *La culture de masse en France: 1860-1930*. Paris: La découverte, 2001. 127 p. (Repères, 323).
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 1996. 374 p.

LYONS, M. *Le Triomphe du livre. Une histoire sociologique de la lecture dans la France du XIX<sup>e</sup> Siècle*. Paris: Promodis; Cercle de la Librairie, 1987. 302 p.

MOLLIER, J-Y. *La lecture et ses publics à l'époque contemporaine: essais d'histoire culturelle*. Paris: PUF, 2001. 549 p.

\_\_\_\_\_. *L'argent et les lettres. Histoire du capitalisme d'édition, 1880-1920*. Paris: Fayard, 1988. 549 p.

RAMOS, J. P.; DAECTO, M. M.; MARTINS FILHO, P. *Paula Brito: editor, poeta e artífice das letras*. São Paulo: EDUSP; Com Arte, 2010. 276 p.

SCHWARZ, R. As ideias fora do lugar. In: \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 15-28.

## FONTES

Carta e Hippolyte Garnier e I. Lassale ao diretor da Biblioteca Nacional, dezembro de 1894 (Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, código 48, 1, 001 no. 76, documento).

Correspondência da Secretaria da Justiça e Negócios Interiores com o diretor da Biblioteca Nacional, 20 de janeiro de 1893 (Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, código 48, 1, 001 no. 76)

Lista de encomendas de obras à livraria Garnier, 24 de setembro de 1892 (Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, entre o conjunto que está numerado sob o código 66, 4, 001, no. 006.

Documentos encontrados nos Arquivos do Ministère des Affaires Étrangères (CADN-Nantes, França, Ministère des Affaires Étrangères, Pasta “Rio de Janeiro”)

*Catálogo* dos Livros que se acham à venda na mesma livraria, 69, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, no 23, s/d, consultado na Bibliothèque Nationale de France, série 8° Q10B.

*Catálogo* dos Livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se acham à venda na mesma livraria, 69, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. S/l, 1876 (ou posterior). Material coletado pelo Projeto Temático “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da Cultura no século XIX”.

*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1862. Imagens do periódico adquiridas junto à biblioteca nacional (RJ), com verbas do Projeto Temático “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da Cultura no século XIX”.

**Recebido em:** 11/09/2015

**Aprovado em:** 04/02/2016